

**Grelha de Categorização da entrevista**  
(Educadora Ana)

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Indicadores</b>
<b>1. DIMENSÃO PESSOAL E PROFISSIONAL</b>	<b>1.1. Características pessoais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) em relação à minha personalidade sou extrovertida (...). <b>(1)</b></li> <li>▪ (...) não quer dizer que não tenha momentos em que não seja um pouco mais introvertida (...). <b>(2)</b></li> <li>▪ (...) Gosto, especialmente, de passear, dançar, de desporto no geral (...). <b>(3)</b></li> <li>▪ (...) as artes também fazem parte dos meus interesses (...). <b>(4)</b></li> <li>▪ (...) não me considero uma pessoa tímida (...). <b>(5)</b></li> </ul>
	<b>1.2. Influência das características pessoais no desempenho profissional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) a forma de estar, de participar nas atividades, de fazer com que o grupo participe nas atividades (...). <b>(6)</b></li> <li>▪ (...) quem está a dirigir é, de certa forma, responsável pela forma cativante ou não de se realizar ou participar numa atividade (...). <b>(7)</b></li> <li>▪ (...) nós tendemos sempre a fazer escolhas através dos nossos gostos pessoais (...). <b>(16)</b></li> <li>▪ (...) essas escolhas são influenciadas também pela forma de estar, os nossos sonhos (...) regemo-nos um bocadinho por esse aspeto (...). <b>(17)</b></li> </ul>
	<b>1.3. Percurso profissional</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) ele está um pouco ligado às artes (...). <b>(8)</b></li> <li>▪ (...) Estudei até ao 12.º ano num curso ligado às artes, Artes e Design (...). <b>(9)</b></li> <li>▪ (...) Estudei na Universidade, o curso de Educadora de Infância (...) uma vez que esta área abrange tudo o que é artes no geral (...). <b>(10)</b></li> <li>▪ (...) acabei, também, por concluir um curso de pintura (...). <b>(11)</b></li> <li>▪ (...) tirei o curso de professora de danças urbanas (...). <b>(12)</b></li> <li>▪ (...) só trabalhei neste jardim de infância (...) estagiei cá e comecei logo a trabalhar (...). <b>(13)</b></li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) primeiro ainda estive como auxiliar aqui, nas férias (...). (14)</li> <li>▪ (...) e comecei em Setembro a exercer funções de educadora (...) foi em 2006 (...). (15)</li> </ul>
<b>2. REPRESENTAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR</b>	<b>2.1. Importância atribuída</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) acho que é muito importante (...). (18)</li> <li>▪ (...) a partir de um ano, dois, dá tempo suficiente para que a criança seja estimulada (...). (19)</li> <li>▪ (...) perceber que há novos contextos, outras áreas e serem estimuladas nesse sentido (...). (21)</li> </ul>
	<b>2.2. Benefícios</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) o jardim de infância acho que é aquele momento (...) que é muito importante que a criança frequente um jardim de infância para a sua autonomia, para a sua relação com outros, até com outras crianças, com outros adultos diferentes (...). (20)</li> </ul>
	<b>2.3. O papel do educador</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) a criança, embora seja um ser único, com diferentes características, faz com que cada criança tenha um gosto, uma preferência por qualquer coisa e o educador tem de estar atento (...) ver que a criança não é, no fundo, algo igual às outras, mas é um ser único e (...) fazer com que agrade a um, agrade a outro e agrade a todos (...). (87)</li> </ul>
<b>3. A FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO</b>	<b>3.1. O papel dos pais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) com a família (...) é sempre diferente (...). (22)</li> <li>▪ (...) é diferente ser mãe do que ser educadora ou ser avó e ser educadora (...) é diferente porque eles [crianças] sentem-se mais protegidos e nós com aquela inexperiência, e ter medo de errar, pensamos que estamos a fazer tudo bem, o melhor que sabemos, e no fundo não (...). (23)</li> <li>▪ (...) hoje em dia (...) os pais veem o jardim de infância como um lugar que serve para educar a criança e tudo o que acontece no jardim de infância faz com que já não seja necessário a educação em casa (...). (24)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) muitas vezes eles [pais] passam as responsabilidades para a educadora, para as auxiliares (...). (25)</li> <li>▪ (...) eles [pais] têm de perceber que o papel dos pais é, também, educar em conjunto com a escola e esse papel é muitas vezes negligenciado pelos pais (...). (27)</li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>3.2. Participação dos pais na vida do jardim de infância</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) fazer com que as crianças tragam mais material e assim também, de uma forma, fazer com que os pais participem na vida do jardim de infância (...). (57)</li> <li>▪ (...) o material está sempre a ser renovado [e] são os próprios pais que muitas vezes [têm esse cuidado] (...). (59)</li> <li>▪ (...) influenciámos também os pais a fazer (...). (67)</li> <li>▪ (...) damos algumas dicas de como fazer em casa, de terem materiais também em casa para que a criança possa fazer (...). (68)</li> </ul>
	<p style="text-align: center;"><b>3.3. Consequências da falta de trabalho colaborativo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) e eles [pais] acabam por deixar de ser pais (...) deixam o papel dos pais para outras pessoas (...). (26)</li> <li>▪ (...) isto faz com que (...) os pais não tenham autoridade sobre as crianças (...). (28)</li> <li>▪ (...) acontece muitas vezes que as crianças sintam mais autoridade connosco do que propriamente com os pais... [uma vez que] não há um trabalho contínuo (...). (29)</li> <li>▪ (...) já chegou também a um ponto [de] confundir[-se] um pouco o espaço e as regras de casa com as da escola (...). (30)</li> <li>▪ (...) acho que (...) neste momento, o jardim de infância, está um bocado mal entendido pelos pais (...). (31)</li> </ul>

<b>4. REPRESENTAÇÕES SOBRE A IDENTIDADE</b>	<b>4.1. Conceito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) tem a ver um pouco com a personalidade de cada pessoa (...). (32)</li> <li>▪ (...) a forma como cada pessoa reage face às situações (...) a sua maneira de estar (...) a sua maneira de motivar (...) a história de vida da pessoa (...) o ambiente (...) as dificuldades (...) todos esses aspetos fazem com que a pessoa seja o que é hoje (...). (33)</li> <li>▪ (...) não quer dizer que essa pessoa seja estanque (...). (34)</li> <li>▪ (...) neste momento tem uma personalidade, daqui a um tempo pode aprender mais coisas e alterar (...). (35)</li> <li>▪ (...) está em constante alteração e isso faz, também, com que se altere o comportamento em sala de jardim de infância (...). (36)</li> </ul>
	<b>4.2. A Identidade do educador</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) a identidade do educador influencia muito o grupo mas também a forma como as atividades são feitas (...). (37)</li> <li>▪ (...) a forma de organizar a sala diz muito sobre a identidade do educador (...) ao que ele dá mais importância (...) o que ele acha que não deve ressaltar tanto (...). (38)</li> <li>▪ (...) as pessoas são mesmo diferentes e muitas vezes (...) até as atividades são diferentes e dá-se mais importância a umas atividades do que as outras (...). (40)</li> <li>▪ (...) muitas vezes tem a ver com o gosto pessoal do educador que, de certa forma, tem muita influência (...). (41)</li> <li>▪ (...) é a forma como cada educadora vai reagir perante cada situação e (...) a personalidade e identidade de cada educadora que dá depois uma forma diferente às coisas (...). (51)</li> <li>▪ (...) a forma de apresentar [o trabalho] aqui é muito diferente de como (...) a outra colega faz (...) o mesmo assunto pode ser tratado de forma diferente e aí a identidade do educador privilegia (...). (52)</li> <li>▪ (...) este grupo é um grupo que gosta muito de cantar, está estimulado nesse sentido e, mais uma vez, porque a outra educadora também gostava muito de cantar com eles e [isso] influencia (...). (73)</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) [as crianças] <i>gostam muito de brincar, gostam muito de estar ali na [área] da casinha, de se vestirem, de se mascararem (...) e por eles cantavam [constantemente] (...).</i> (74)</li> </ul>
	<b>4.3. O papel do educador</b>	
	<b>4.4. A Identidade da criança</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) <i>cabe ao educador ir ao agrado e aos interesses das crianças, o que faz com que a personalidade das crianças ou a identidade (...) modifiquem de certa forma a maneira de pensar do educador (...).</i> (42)</li> <li>▪ (...) <i>se ele [educador] está a pensar fazer uma coisa, as crianças também dão algumas ideias de como fazer e é claro que isso também vem dentro da identidade de cada um... o que (...) eles mais gostam, os interesses (...) e assim as atividades também vão tendo em conta a identidade das crianças (...) é uma forma de um influenciar o outro (...).</i> (43)</li> <li>▪ (...) <i>na sala dos 5 anos (...) as crianças acabam por ter muito mais ideias porque têm uma idade em que fazem muito mais coisas (...) eles têm muito mais facilidade em aprender, facilidade em fazer atividades sozinhos, já se dá mais valor a cada trabalho individualmente (...).</i> (53)</li> <li>▪ (...) <i>acontece (...) que dentro do que é trabalhado eles [crianças] vão buscar outros assuntos (...) e tentamos sempre orientá-los para que tenha a ver com o tema e eles sugerem sempre atividades novas que até são atividades engraçadas para partilhar com as outras salas (...).</i> (54)</li> <li>▪ (...) <i>na primavera costumamos fazer muito desenho ao ar livre, ou vamos lá para fora com os cavaletes, muitas vezes também desenho de observação (...) saímos do jardim de infância e vamos desenhar (...) isso também tem muito a ver com a identidade da criança (...).</i> (72)</li> </ul>

<b>5. ADEQUAÇÃO DO CURRÍCULO</b>	<b>5.1. Perspetiva curricular</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) nós aqui trabalhamos por projetos (...). (48)</li> <li>▪ (...) temos um tema e a partir desse tema vão surgindo outros trabalhos (...). (49)</li> <li>▪ (...) neste jardim de infância (...) nós juntamo-nos para discutir ideias (...) mas fica ao critério de cada uma saber como fazer (...). (50)</li> </ul>
	<b>5.2. O documento Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar como uma referência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) sim, sim (...). (85)</li> <li>▪ (...) não só ao nível dessas orientações mas também a nível da psicologia (...). (86)</li> </ul>
	<b>5.3. Adequação das atividades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) agora, até para o desenvolvimento da fala, estamos com as lengalengas, e que essa lengalenga seja dita a cantar, e a dizer em alto, em tons fortes e fracos (...). (75)</li> <li>▪ (...) é muito pela música porque como é um grupo que gosta muito de cantar, então nós tentamos adaptar as outras atividades para aí (...). (76)</li> <li>▪ (...) ao final da semana eu vejo com eles [crianças] a avaliação e faço com que (...) para a próxima semana trabalhem mais [determinada área] para que eles tenham esse sentido de não descurar nenhuma área (...). (82)</li> </ul>
	<b>6.1. Gestão dos materiais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) o material encontra-se sempre à disposição das crianças, para que se sintam livres e (...) escolham os materiais que pretendem (...). (55)</li> <li>▪ (...) Incentivamos também a trazerem livros, revistas velhas e materiais (...) como forma de reutilização dos materiais (...). (56)</li> <li>▪ (...) [as crianças] trazerem jornais, revistas, rolhas de cortiça e tudo o que são materiais de desgaste, até mesmo para experimentarem novas técnicas,</li> </ul>

<b>6. REPRESENTAÇÕES SOBRE A GESTÃO DO AMBIENTE EDUCATIVO (ENFOQUE SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA CRIANÇA)</b>		<i>novos suportes (...). (58)</i>
	<b>6.2. Gestão dos espaços</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>(...) os gostos do educador influenciam muito a sala (...) a forma como ele dispõe a sala (...). (39)</i></li> <li>▪ <i>(...) nós estamos constantemente a mudar (...). (60)</i></li> <li>▪ <i>(...) eles [as crianças] não têm um lugar fixo (...) sentam-se onde querem (...). (61)</i></li> <li>▪ <i>(...) uma vez que também dou alguma importância ao espaço da sala tento que o espaço nas mesas também seja flexível, que tenha espaço suficiente para que as mesas não estejam sempre estanques e, assim, estão sempre a funcionar (...). (62)</i></li> <li>▪ <i>(...) a disposição das mesas faz com que eles façam trabalhos individuais, coletivos, mas são eles que escolhem (...). (63)</i></li> <li>▪ <i>(...) inicialmente (...) pensámos como nós gostaríamos que a nossa sala estivesse, como educadora (...). (69)</i></li> <li>▪ <i>(...)depois, ao longo do tempo, conforme formos conhecendo os interesses das crianças, a gestão da sala vai mudando (...). (70)</i></li> <li>▪ <i>(...) a sala é (...) flexível e não é estanque (...). (71)</i></li> </ul>
	<b>6.3. Gestão do tempo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>(...) eles [crianças] têm uma grelha (...) sobre as tarefas que eles têm de fazer aqui [na sala de atividades] (...). (77)</i></li> <li>▪ <i>(...) até às dez horas, dez e meia, são chamadas as atividades livres (...). (78)</i></li> <li>▪ <i>(...) essas atividades livres, para obrigar a criança a ser autónoma e a trabalhar segundo o método... (...). (79)</i></li> <li>▪ <i>(...) eles tentam participar em todas as áreas disponíveis (...). (80)</i></li> <li>▪ <i>(...) essa grelha é um género de avaliação diária, que faz com que o</i></li> </ul>

		<p><i>educador tenha acesso diariamente ao que a criança costuma fazer e o que mais descarta (...). (81)</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>(...) dentro dessas atividades de rotina, não dirigidas que são eles que escolhem, costumo trazer atividades (...) para que eles sejam estimulados nessas atividades (...). (83)</i></li> <li>▪ <i>(...) temos o projeto, ou a dança, ou a música, ou a expressão dramática (...). (84)</i></li> </ul>
<p><b>7. DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA (ENFOQUE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE E DO COMPORTAMENTO SOCIAL)</b></p>	<p><b>7.1. O papel do educador</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>(...) há valores (...). (44)</i></li> <li>▪ <i>(...) valores que o educador pode apreciar mais (...) esses valores são discutidos ou trabalhados mais pelas crianças (...). (45)</i></li> <li>▪ <i>(...) há coisas que (...) para um educador não são tão relevantes e para outro é e as crianças acabam por [ser influenciadas por isso] (...). (46)</i></li> <li>▪ <i>(...) as regras (...) acabam por ser todas influenciadas (...) o mais descontraído, o menos descontraído, o ambiente pacífico, menos pacífico, formas de aprender diferentes (...). (47)</i></li> <li>▪ <i>(...) aqui nos cinco anos já é importante não ajudá-los porque quanto mais fazemos, mais eles sentem que o adulto é capaz de fazer por eles e por isso incentivamos sempre a que sejam autónomos (...). (64)</i></li> <li>▪ <i>(...) acontece também nos três [anos], na forma de serem autónomos, uma vez que eles em casa já dependem muito dos pais (...). (65)</i></li> <li>▪ <i>(...) aqui na escola tentamos que eles sejam mais autónomos (...). (66)</i></li> </ul>
	<p><b>7.2. O meio familiar</b></p>	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <i>(...) instintivamente, ao conhecer o grupo já se faz tão naturalmente (...) mesmo sem querer, eles [crianças] mostram a personalidade (...). (88)</i></li> <li>▪ <i>(...) aqueles mais tímidos, tentamos também com que a criança participe mais (...) [e] fazer com que seja normal e que a dificuldade faça parte também do dia-a-dia (...). (89)</i></li> </ul>

	<p><b>7.3. Estratégias e atividades desenvolvidas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ (...) ver a dificuldade, esse lado mais fraco, também como uma coisa normal (...) que pode ser ultrapassada (...). (90)</li> <li>▪ (...) incentivar cada criança a fazer e a saber... [e] através do positivismo, de ser positivo, incentivá-la a fazer (...). (91)</li> <li>▪ (...) em relação à personalidade e embora na nossa personalidade depois também surjam alterações, ela muitas vezes é bem vincada (...) e cada criança tem a sua (...). (93)</li> <li>▪ (...) tendo em conta a identidade de cada criança já se faz autonomamente, já se sabe como são as características de cada criança e (...) instintivamente já estás a direcionar aquela atividade para aquela criança (...). (92)</li> <li>▪ (...) em relação às nossas atividades, como são atividades artísticas (...) estimulamos muito as crianças nesse sentido (...) faz com que os grupos fiquem muito mais unidos, pois todas as atividades artísticas fomentam isso, a unidade, o sentido de grupo (...). (94)</li> <li>▪ (...) o facto de muitas vezes o toque, o abraçar, o tocar, o rebolar, o estarem juntos, o estarem afastados, faz com que as ligações entre eles sejam muito mais próximas do que se fosse de outra atividade (...). (95)</li> <li>▪ (...) como também damos alguma importância a essas áreas [artes], as crianças acabam por se sentirem muito bem, mesmo a nível do grupo gostam de estar juntas e quando saem daqui sentem muita saudade (...). (96)</li> <li>▪ (...) essas atividades artísticas proporcionarem uma grande ligação (...). (97)</li> <li>▪ (...) porque ao tocar, abraçar, os jogos de autoconhecimento, nós acabamos por conhecer a outra pessoa e ficar muito mais perto dela e (...) estas atividades estimulam isso (...). (98)</li> </ul>
	<p><b>7.4. Objetivos educativos</b></p>	